

MÚSICA E CULTURA: A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA NATUREZA E DO GAÚCHO HERÓI NAS LETRAS DE MÚSICA PAMPEANA

VIRGÍNIA TAVARES VIEIRA¹; PAULA CORRÊA HENNING²;

¹ Universidade Federal do Rio Grande - FURG – vi_violao@yahoo.com.br

² Universidade Federal do Rio Grande - FURG – Paula.c.henning@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Investigar algumas das condições de possibilidade para a emergência de um enaltecimento da natureza na música pampeana gaúcha é o propósito deste estudo. Para este artigo – um extrato da pesquisa mais ampla – temos como objetivo ir cercando o nosso problema de pesquisa. Para isso, neste texto, nos interessa mostrar ao leitor o quanto a natureza se faz presente em muitas letras de música pampeana. Pontuaremos alguns conceitos importantes que nos fazem ver e ler a natureza do pampa gaúcho de uma forma naturalizada na história e na cultura.

Para dar conta desta investigação procuramos fazer “um tipo especial de história” e, assim, apreender quais as condições de possibilidade para a emergência da natureza no material colocado em suspenso. Nas palavras de Veiga-Neto,

[...] trata-se de uma história que tenta descrever uma gênese no tempo. Mas, na busca da gênese, a história genealógica não se interessa em buscar um momento de origem, se entendermos *origem* no seu sentido “duro”, isso é, como uma solenidade de fundação em que “as coisas se encontravam em estado de perfeição”, ou se entendermos como “o lugar da verdade” (VEIGA-NETO, 2007, P. 56) [grifos do autor].

Este é o sentido que Michel Foucault dá para a história. Para o filósofo, esta só tem razão de ser, com fim de entender o presente. Neste sentido, buscaremos apreender o que é dito sobre o homem, sobre o sujeito gaúcho, sobre a natureza que, atrelados, vão constituindo um discurso de natureza romântico nas/das terras do Pampa Gaúcho. Como referenciado acima, nossa busca não está em encontrar um ponto de origem, uma essência – a verdade na história, pois “Procurar uma tal origem é tentar reencontrar ‘o que era imediatamente’, ‘o aquilo mesmo’, de uma imagem exatamente adequada a si” (FOUCAULT, 2012, p. 17). Para Foucault, a importância da história está em nos possibilitar apreender que discursos, que práticas foram se constituindo a partir de determinadas condições sociais, políticas, econômicas e culturais e que, na contemporaneidade nos aparecem como uma verdade universal.

2. METODOLOGIA

O convite de Foucault é que, através da investigação dos discursos, nos defrontemos com nossa história ou nosso passado, aceitando pensar de outra forma o agora que nos é tão evidente. Assim, libertamo-nos do presente e nos instalamos quase num futuro, numa perspectiva de transformação de nós mesmos. Nós e nossa vida, essa real possibilidade de sermos, quem sabe um dia, obras de arte (FISCHER, 2001, p. 222).

Compreender a forma como vem sendo narrada a natureza e a relação do gaúcho com a paisagem natural sulina é um dos objetivos que este artigo se propõe a investigar. Além disso, nos interessa apreender as condições de possibilidade para a emergência de uma natureza pautada por um ideal de beleza, que muitas vezes, a música em suspenso nos evidência. Assim sendo, para dar conta desta investigação, nos valeremos de algumas ferramentas da Análise do Discurso, a partir de Michel Foucault, operando especificamente com os conceitos de discurso e enunciação.

Sendo assim, aceitamos o convite de Foucault, conforme coloca Rosa Fischer na citação acima, de nos defrontarmos com nosso passado, aqui especificamente do Rio Grande do Sul, na tentativa de apreender que relações podem ser estabelecidas entre a paisagem natural pampeana e as revoluções em que o Estado se envolveu para fabricação de uma natureza romântica. Além disso, buscaremos compreender de que formas estas relações deram a ver a constituição de um sujeito gaúcho tomado de virtuosidade. Importante ressaltar, que a historiografia e as artes de uma forma geral, dão visibilidade a um sujeito gaúcho herói e gentílico. Até o momento, nossas investigações apontam como condições de proveniência para a fabricação deste sujeito, as demarcações das estâncias no Rio Grande do Sul no século e um ideal de heroísmo muitas vezes atrelado aos fazendeiros rio-grandenses que lutaram em guerras, como, por exemplo, a Revolução Farroupilha no século XIX.

Conforme Rosa Fischer (2001, p. 198), para analisar os discursos segundo uma perspectiva foucaultiana, primeiramente é preciso desprender-se das “fáceis interpretações”, procedimentos bastante comum utilizado por pesquisadores que se propõem a analisar os discursos. Isso nada mais é do que recusar a busca por questões escondidas, ocultas nos discursos. É entender que para Foucault não existe as entrelinhas do discurso. Interessa para o autor o que é dito, o que é visível, ficando assim no nível do próprio discurso. Quando nos propomos a ficar no nível de existência do próprio discurso, significa que não há nada por de trás do discurso. Ou seja, é compreender que o discurso colocado em suspenso não está carregado de reais intenções, nem tão pouco de significados e representações que nos possibilite encontrar, através dele, uma verdade que estivesse em seu estado de perfeição. O que existe nos discursos é “enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento” (FISCHER, 2001, p. 198). A autora ressalta ainda, que estas práticas de tentar encontrar algo que esteja oculto nos discursos, se dão na medida em que se sugere a interpretação dos documentos. Assim, de outro modo, reafirmamos: não há nada por de trás dos documentos! Pois, tentar encontrar algo que não está visível no material de análise, buscando uma essência das coisas como se elas estivessem *desde sempre aí*, é desconsiderar que a fabricação dos discursos se dá em um emaranhado de relações históricas, sociais e políticas. É ainda, desconsiderar que “as palavras são também construções; na medida em que a linguagem também é constitutiva das práticas” (idem, p. 199).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Segundo Guimarães, “há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza” (2008, p. 88). Para o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Pensando a

atualidade, gostaríamos com este estudo, problematizar a visão que hoje temos de natureza, principalmente no que tange a região do Pampa gaúcho. Em uma pesquisa prévia, pudemos observar o quanto se faz presente na música pampeana peculiaridades que descrevem os hábitos e costumes dos sujeitos principalmente em sua relação com a paisagem natural.

Nos excertos abaixo, apresentamos enunciações recorrentes em muitas canções pampeanas aos descreverem a natureza do Pampa.

Sou grito do quero-quero / No alto de uma coxilha / Sou herança das batalhas / Da epopeia farroupilha / Sou rangido de carreta / Atravessando picadas / Sou o próprio carreteiro / Éra boi, éra boiada [...] **Sou a cor verde do pampa / Nas manhãs de primavera / Sou cacimba de água pura / Nos fundos de uma tapera / Sou lua, sou céu, sou terra / Sou planta que alguém plantou / Sou a própria natureza / Que o patrão velho criou [...]** (ME COMPARANDO AO RIO GRANDE, IEDO SILVA, grifos nossos).

Guardiãs de pátria, memorial dos ancestrais / Onde trevais nascem junto ao pasto verde / Sangas correndo, açudes e mananciais / Pra o ano inteiro o gaderio matar a sede / Grotas canhadas e o poncho do macegal / Para o rebanho se abrigar nas invernias / Varzedo¹ grande pra o retoço² da potrada / Mostrar o viço e o valor das sesmarias / Sombras fechadas de imponentes paraísos / Onde resojam pingos de lombo lavado / Que após a lida até parecem esculturas / Moldando a frente do galpão, templo sagrado / Pras madrugadas, mate gordo bem cevado / Canto de galo que accordou pedindo vasa / Cheiro de flores, açucena, maçanilha / E um costilhar de novilha pingando graxa nas brasas / Pra os queixos crus, os bocaídos dos domadores / Freios de mola pra escramuçar bem domados / E pra os turunos ressabiados de porteira / O doze braças, mangueirão dos descampados / Pra os chuvisqueiros galopeados de minuano / Um campomar castelhano e o aba larga desabado / Pra o sol a pino dos mormaços de janeiro / Um palita avestruzeiro e o bilontra bem tapeado / Pras nazarenas, garrão forte e égua aporreada / Pras paleteadas o sepilhado de coxilha / Pra o progresso do Rio Grande estas estâncias / Mescla palácio com mangrulho farroupilha (ESTÂNCIA DA FRONTEIRA, ANOMAR DANÚBIO VIEIRA, grifos nossos).

As letras apresentadas nos salientam elementos bastante comuns ao homem do campo e que contribui para a constituição da paisagem natural destas terras. A primeira canção “Me comparando ao Rio Grande” nos fala do quero-quero, da boiada, das coxilhas, do “rangido das carretas e a cor verde do pampa”. Ditos como esses vão descrevendo a natureza pampeana – o verde dos campos, a primavera, a terra, o céu azul vão constituindo a natureza, esta muitas vezes apenas associada ao que é “verde”, “natural”. Além de discorrer sobre a natureza, as anunciações nos evidenciam um sujeito que se sente pertencente a esta paisagem natural, ou como diz a letra: o homem é o verde do pampa, é a terra, é a lua, é a água: é a própria natureza!

Muitas canções pampeanas têm a peculiaridade de retratar temas como estes em suas letras. O amor a terra, a imensidão dos campos, o verde a se estender imenso e plano em contraste com o azul do céu, os rios, os animais como o cavalo, o gado e o cachorro vão constituindo o cenário cultural da região da campanha no sul do Brasil. Já no segundo excerto, na música “Estância da

¹ Segundo o dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, varzedo é o mesmo que vargado, ou seja, várzea longa, planície campestre.

² Segundo o dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul, retoço é o mesmo que retouçar, ou seja, faceirar, namorar, brincar, retocar.

Fronteira” pontuamos enunciações de uma natureza bela e de amor a terra. Como podemos observar a letra faz referência a elementos ditos “naturais” da natureza como os rios, as sargas, os açudes, o vento, o campo, as flores, o verde, as coxilhas, o calor, o frio e a geada. São enunciações como essas que nos constituem e ao mesmo tempo nos fazem ler a natureza de uma forma naturalizada na e pela cultura.

Assim sendo, entendemos que as enunciações salientadas por nós neste estudo nos dão subsídios para pensarmos na fabricação de um discurso de natureza através da música. Pois como nos diz a letra: pasto verde, sargas e açudes, um “campomar” para garantir o bem estar do gado; “grotas canhadas e o macegal” abrigam os animais no inverno gelado do Pampa; “varzedo grande, sombras fechadas”; enfim – um imponente paraíso, o templo sagrado do gaúcho, onde “os chuvisqueiros galopeados de minuano” fazem parte da vida campeira nas estâncias que tanto orgulham este homem farroupilha.

4. CONCLUSÕES

Nossas perspectivas com este estudo é que por meio da música pudéssemos suscitar o pensamento, provocando novas discussões acerca de questões pouco problematizadas por nós. Ou seja, precisamos levar em consideração as diferentes possibilidades de leituras da natureza que vem sendo fabricadas por meio da cultura. Assim sendo, talvez Foucault nos ajude a entender essas fabricações de verdades que vão constituindo modos de ser, viver e se relacionar no mundo. Por isso, olhamos para a música como artefato cultural potente a nos fazer pensar os modos de relação que o gaúcho estabelece com a paisagem natural sulina, entendendo que as discussões em torno das leituras de natureza atravessam as fronteiras de conceitos já estabelecidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GUIMARÃES, L. B. A importância da história e da cultura. **Inter-Ação**: Ver. Fac. Educ. UFG, v.33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.
- VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa em educação**, n. 114, p. 197-223, novembro, 2001.